

Depósito legal junto à Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1823, de 20 de dezembro de 1907

Desenhos

PEDRO GORIA

Editoração Musical Eletrônica

ANTONIO MARIANO THOMAZINI

Correção Ortográfica

MARIA CECÍLIA ZARDO

Editora

DOM BOSCO

AV. DESEMBARGADOR HUGO SIMAS, 1220 - BOM RETIRO - CURITIBA-PR

CEP 80520-250 - FONE/FAX: (41) 331-5300

Desktop Publishing

GILBERTO SOARES DOS SANTOS

Diagramação

ANDRÉ DIAS

ADILSON GALVÃO

GILBERTO SOARES DOS SANTOS

Capa

ANDRÉ DIAS

Apoio

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

LEI DE INCENTIVO Á CULTURA DE CURITIBA

Patrocínio

COLÉGIO DOM BOSCO — CURITIBA-PR

Ficha catalográfica preparada pela
Index Consultoria em Informação e Serviços S/C Ltda.

M385 Martinez, Emanuel
 Regência coral: princípios básicos / Emanuel Martinez: colaboradores
Denise Sartori, Pedro Goria, Rosemarí Brack. — Curitiba:
COLÉGIO DOM BOSCO, 2000.
1ª edição - tiragem: 2000
222 p.

 I. Regência de coros. 2. Música coral. 3. Voz.
I. Sartori, Denise. II. Goria, Pedro. III. Brack, Rosemarí. IV. Título.

CDD (20. ed.) 784
CDU (2. ed.) 784



CLASSIFICAÇÃO VOCAL

A voz humana divide-se classicamente em três categorias vocais para o homem e três para a mulher:

TIPO DE VOZ	VOZ FEMININA	VOZ MASCULINA
Voz Aguda	Soprano	Tenor
Voz Média	Mezzo soprano	Barítono
Voz Grave	Contralto	Baixo

No entanto, para executar o repertório existente, cada divisão apresenta inúmeras subdivisões, principalmente quando essas vozes são solistas. Assim, por exemplo, um soprano que cante o papel da “Rainha da Noite” na ópera “A Flauta Mágica” de Mozart denomina-se *soprano ligeiro*, e um outro soprano que cante o papel de “Pamina”, na mesma ópera, chama-se *soprano lírico*. No canto coral, essas divisões não existem diretamente, porém encontram-se corralistas cujas vozes não são trabalhadas mas que executam com facilidade notas agudas, passagens em *pianos*, etc.; e outros que não têm tanta facilidade para registros extremos. Estes últimos, porém, dão um “recheio” indispensável à sonoridade de seu naipe por possuírem voz mais “encorpada”.

Essas características diferentes entre corralistas de um mesmo naipe ocorrem nos seis napes básicos.

É indispensável que o orientador vocal de um coral classifique as seis categorias vocais básicas. Aqui serão apresentados características e pontos importantes que devem ser observados para a correta classificação, embora somente um ouvido experimentado e com larga experiência possa dar um veredicto final. Mesmo assim, às vezes, são necessários anos para que a classificação e a subclassificação de uma voz se torne clara.

Algumas vozes são identificadas com facilidade por possuírem características incontestáveis; outras são dúbias e indefinidas.

a) Classificação vocal pela extensão

Esse talvez seja o método menos seguro para classificar uma voz. Por vezes, vozes agudas cantam com facilidade notas graves e com dificuldade notas agudas.

Isso ocorre por deficiência técnica e pelo fato de estarem comumente acostumados a cantar de “*modo popular*”, deslocando o correto enquadramento dos registros de seu teclado vocal.

As vozes que, por natureza, sejam mais definidas, apresentarão um registro mais coerente com sua classificação. Um *soprano* cantará com mais facilidade um “La 4” de passagem, e um *tenor*, um “Sol 3” de passagem. O *baixo* cantará um “Sol grave” com sonoridade plena, e o *barítono*, um “Si b grave” com a mesma intensidade sonora.



Abaixo, está uma tabela bastante “relativa” da extensão das vozes sem preparo técnico:

VOZES FEMININAS		VOZES MASCULINAS	
Soprano	Re 3 a Sol 4	Tenor	Re 2 a Sol 3
Mezzo Soprano	Do 3 a Fa 4	Barítono	Sib 1 a Mib 3
Contralto	La 2 a Mib 4	Baixo	Sol 1 a Reb 3

A classificação vocal pela extensão é válida apenas quando associada a outras formas de classificar a voz, entretanto é a forma mais usual de classificar uma voz devido às necessidades existentes em um coral.

Assim, maestros podem danificar vozes irremediavelmente por forçá-las a cantar em um registro não próprio apenas porque o cantor tem de executar notas mais graves ou mais agudas exigidas pela partitura.

b) Classificação vocal pela cor e pelo timbre

Esta classificação é mais segura, no entanto o técnico vocal deve ter uma percepção bastante sensível, pois alguns cantores “camuflam” um timbre e uma cor que não lhes pertence.

Vozes intermediárias, como mezzo soprano e barítono, muitas vezes apresentam a “cor vocal” de seu superior ou inferior imediato, como soprano, contralto e tenor ou baixo. É comum um verdadeiro barítono brilhante ter uma “cor” um tanto “atenorada” no início de seus estudos de técnica vocal. Nesse caso, o técnico vocal deve não só observar a cor característica desta voz, mas também a extensão que essa tal voz executa comodamente. De maneira geral, as vozes apresentam sua verdadeira “cor” que caracteriza sua classificação. No início dos estudos, a voz de soprano não possui muitos harmônicos, mas tem grande pureza (diz-se: voz cristalina), com um som um tanto “reto” sem vibração, assemelhando-se, em vozes mais jovens, ao som de um silvo. Geralmente, essas vozes cantam um “Sol 4” com bastante facilidade, apesar de o som produzido ser um tanto estridente. No mezzo soprano, essa estridência não será tão acentuada, apesar de o som produzido também ser um pouco “reto” e de cor mais escura. Nota-se, no entanto, um timbre mais aveludado, “cor” acentuada nos registros mais graves. Nas vozes de mezzo soprano com tendências a um registro mais agudo, é necessário que se tenha uma percepção bastante aguçada para distingui-la do soprano, mas, com o tempo, esse “aveludado”, característico daquela voz, começa a surgir. No contralto, todas essas características são bastante acentuadas numa região mais grave. Entretanto, deve-se tomar cuidado, pois muitas mulheres “tornam-se” contralto quando atingem uma certa idade ou com uso excessivo de álcool e cigarro. O verdadeiro contralto continua sendo uma voz rara e de grande beleza e apresenta essas características já na juventude, que serão acentuadas pelo correto estudo do canto.



A voz de tenor, quando não tem tendência para uma “cor” muito escura (abaronada), é fácil de ser identificada.

A voz cantada e geralmente a voz falada têm características agudas. Apesar de não ser regra geral, o tenor possui um biótipo bastante peculiar: baixa estatura, pescoço curto e laringe (pomo de Adão) não tão saliente e de menor dimensão. No tenor com voz não culta, geralmente existe a presença de um timbre um tanto gutural ou afalsetado.

O barítono brilhante (voz mais aguda de barítono) talvez seja uma das vozes mais difíceis de se classificar. Facilmente confundida com a voz de um tenor, difere deste por não ter nem a sua resistência nem a sua extensão vocal. É uma voz extremamente importante para cantar os corais de óperas, que geralmente apresentam “divise” para barítonos e baixos; partes que jamais poderiam ser executadas por baixos ou baixos-barítonos, por serem escritas na região aguda. Também possui uma sonoridade muito mais forte que a do tenor, “cor” mais escura e, quando impostada, presta-se para interpretar papéis heróicos em peças líricas. Essa voz (no coral) nunca deve cantar no naipe dos tenores; deve sempre dividir a responsabilidade com os baixos, sem, no entanto, “engrossar” a voz nas passagens graves.

Os barítonos geralmente não camuflam seu timbre. A voz robusta, com harmônicos graves, mostra a verdadeira classificação dessas vozes. Enquanto o tenor tem a tendência de apresentar a voz gutural, o barítono mostra uma voz entubada (voz para traz). São defeitos difíceis de corrigir, que exigirão paciência do professor de canto e sensibilidade do cantor.

O baixo, voz igualmente rara, possui as características citadas anteriormente, porém bastante acentuadas. A “cor” é mais escura e com densidade e maior vibração nos graves. Também é bastante comum os baixos apresentarem um som entubado principalmente se não educaram corretamente a voz.

c) Classificação da voz pelas notas de passagem

REGIÃO DA FALA MASCULINA

REGIÃO DA FALA FEMININA

Do 2 .Re 2 .Mi 2 .Fa 2 .Sol 2. .La 2 .Si 2 .Do 3 .Re 3 . Mi 3 .Fa 3. Sol 3 .La 3 .Si 3 . Do 4

... Região de passagem ...

Quando o homem ou a mulher canta na tessitura de sua voz falada, existe uma certa naturalidade na emissão do som, no entanto, quando o homem quer seguir para uma região mais aguda ou a mulher descer para uma região mais grave do que a de sua voz falada, tais vozes encontram-se na região de passagem.



Vozes Masculinas

Suponha-se que um baixo cante uma escala que comece no “Do 2” e siga até o “Do 3”. Quando atingir essa nota, haverá um evidente clareamento na voz e uma tendência para a voz de *falsete* (nas vozes não cultas). Isso se dá, além de outros fatores, pelo excessivo levantamento da laringe. Por isso diz-se que o cantor está na sua região de passagem.

É necessário que o cantor execute uma “manobra vocal”: deve manter sua laringe numa posição cômoda e requisitar do seu corpo um apoio extra para seguir cantando as notas mais agudas da escala e retomar a cor de sua voz nas notas graves.

Essa nota de passagem varia conforme o cantor e a classificação vocal.

O baixo executou uma escala do “Do2” até o “Si 2” com certa naturalidade (região da fala), mas, para executar o “Do 3,” sua voz muda abruptamente (conforme já foi mencionado, a voz fica mais estridente). Diz-se, então, que o baixo possui o “Do 3” como nota de passagem. Esse fenômeno é claramente observado nas vozes não cultas e pode auxiliar na classificação de vozes masculinas.

NOTAS DE PASSAGEM DAS VOZES MASCULINAS

Tenor	Mi 3 a Fa 3
Barítono	Re 3 a Mib 3
Baixo	Do 3 a Reb 3

Vozes Femininas

As notas de passagem nas vozes femininas acontecem quando descem para o grave. Assim, se um soprano canta uma escala descendente atacando, inicialmente, o “Do 4”, quando chegar aproximadamente o “Mi 3”, ocorrerá um fenômeno bastante comum. A voz, como não consegue mais soar nos registros de cabeça e tem sua intensidade sonora bastante diminuída, de forma natural, recorrerá a uma mudança de registro (registro de peito) para que continue soando e possa continuar descendo sua escala. A cantora terá então duas vozes completamente distintas: a voz acima do “Mi 3” e a voz abaixo dessa nota. Dessa forma, o “Mi 3” é a nota de passagem do soprano.

Não serão abordados nesse segmento os recursos técnicos para reparar esse problema. Serão dadas, apenas, as notas de passagem de cada voz para que o técnico vocal possa classificá-las. As notas serão iguais às categorias masculinas e mantidas na mesma oitava, pois as vozes masculinas têm as notas de passagem no agudo, e as vozes femininas, no grave.

NOTAS DE PASSAGEM DAS VOZES FEMININAS

Soprano	Mi 3 a Fa 3
Mezzo Soprano	Re 3 a Mib 3
Contralto	Do 3 a Reb 3



BIBLIOGRAFIA

- 1 BACOT — FACAL — VILLAZUELA: “*El uso adecuado de la voz*” — BFV 1996.
- 2 BEHLAU, Mara; PONTES, Paulo: “*Higiene Vocal. Informações Básicas*” — Editora Lovise Ltda, 1993.
- 3 BEHLAU, Mara; PONTES, Paulo: “*Avaliação e tratamento das disfonias*” — Editora Lovise Ltda, 1995.
- 4 BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês: “*Higiene vocal para o canto coral*” — Revinter, 1997.
- 5 BROWN, Oren L.: “*Discover your voice*” — Singular Publishing Group Inc. 1996.
- 6 BENNINGER, Michael S.; JACOBSON, Barbara H.; JOHNSON, Alex F.: “*Vocal arts medicine*” — Thieme Medical Publishers, Inc. 1994.
- 7 BOONE, Daniel R.: “*Is your voice telling on you?*” — Singular Publishing Group Inc. 1991.
- 8 COSTA, Henrique Olival; SILVA, Marta Assumpção de Andrada: “*Voz cantada. Evolução, avaliação e terapia fonoaudiológica*” — Editora Lovise Ltda, 1998.
- 9 DINVILLE, Claire: “*A técnica da voz cantada*” — Enelivros, 1989.
- 10 FERREIRA, Léslie P.; OLIVEIRA, Iara Bittante de; QUINTEIRO, Eudosia Acuña; MORATO, Edwiges Maria: “*Voz profissional: O profissional da voz*” — Pró-Fono Departamento Editorial, 1995.
- 11 MENALDI — JACKSON: “*La voz normal*” — Editorial Médica Panamericana, 1992.
- 12 PELA, Sandra Maria: “*Análise de parâmetros pré e pós aquecimento e desaquecimento vocal em coralistas*” — Monografia de Especialização do Curso de Pós-Graduação da Disciplina de Distúrbios da Comunicação Humana: Campo Fonoaudiológico da Universidade Federal de São Paulo, 1996.